



RELATO DE EXPERIÊNCIA ELAS POR ELAS: AS MULHERES E A PANDEMIA

ROBERTA DUARTE DA LUZ¹; STHEFANY LACERDA DA SILVA²; GIOVANA
FAGUNDES LUCZINSKI³ CAMILA PEIXOTO FARIAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – luzzroberta@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sthefanylacc@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

ELAS POR ELAS: AS MULHERES E A PANDEMIA

1. INTRODUÇÃO

“Elas por Elas: As mulheres e a Pandemia” trata-se de um projeto de extensão vinculado ao curso de Psicologia da UFPel. Tal iniciativa integra um projeto unificado que se desdobra em três frentes (ensino, pesquisa e extensão), voltado às discussões de gênero no contexto de pandemia da Covid-19. Partindo da parceria entre dois grupos de estudo e pesquisa, o Pulsional e o *Épochè*, este projeto acontece em um entrecruzamento de perspectivas teóricas. A equipe é composta por duas professoras coordenadoras e por seis extensionistas, que se encontram em diferentes semestres da graduação em Psicologia.

A necessidade de pesquisar e intervir neste âmbito está ligada ao contexto no qual estamos imersas: um cenário esmagador, caracterizado por um acúmulo de crises (política, econômica, ambiental, sanitária), agravado pela situação de pandemia. Sabe-se que seus efeitos são sentidos de forma muito diferente e situada. No caso das mulheres, sujeitos historicamente colocados em um lugar subalternizado, esses efeitos são sentidos a depender, dentre outros fatores, dos marcadores sociais de raça, classe, orientação sexual, maternidade, etc. (ONU Mulheres, 2020).

Assim, consideramos fundamental que as narrativas das mulheres, a partir de uma perspectiva interseccional, sejam incluídas nas discussões sobre a pandemia. Nesse sentido, levando-se em conta a impossibilidade de contato presencial com as pessoas, devido à necessária medida de isolamento físico, o projeto contou com a criação de um Blog e uma página no Facebook. Esta tem sido utilizada como um instrumento de atuação na comunidade, voltado a possibilitar que encontros - sobretudo o das mulheres com sua própria experiência - aconteçam. A partir dessa ferramenta, objetiva-se oferecer às mulheres um espaço de escuta, elaboração e compartilhamento de experiências, mediante a construção de um espaço virtual no qual elas possam se reconhecer e se conectar. Este trabalho trata-se de um relato de experiência acerca das atividades que vêm sendo desenvolvidas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um processo interdisciplinar e colaborativo, cuja ação acontece no campo virtual. Seguindo as premissas dos métodos fenomenológico e psicanalítico de pesquisa, as ações descritas neste trabalho têm como eixo central a singularidade da experiência vivida e uma atitude hermenêutica diante da mesma. Nessa perspectiva, o movimento de se inclinar sobre algo, tem afinidades com a postura clínica em Psicologia, como ressalta AMATUZZI (2001).



Nesse projeto, a construção e a manutenção da página no Facebook, vem sendo feita a várias mãos, apostando na co-construção como um dos aspectos centrais no desenvolvimento da ação de extensão. Nesse sentido, a equipe tem caminhado numa estreita aresta, como sugere BUBER (2001), trabalhando com o inesperado, acolhendo diferenças e conflitos, a partir do diálogo, visando possibilitar uma ponte entre a diversidade de experiências vividas por mulheres na pandemia e a elaboração de relatos a respeito dessas experiências.

Tendo isso em vista, a preparação da presente ação de extensão exigiu a retomada de discussões sobre gênero que permeiam a psicologia contemporânea. Atentas à desconstrução da ideia de uma narrativa homogênea, tanto sobre a pandemia, quanto sobre ser mulher, concordamos com a filósofa estadunidense HARAWAY (2009), que afirma que não existe sujeito, tampouco “Mulher” como categoria universal. Por isso, é fundamental situar a produção das narrativas e abrir espaço para que mulheres diversas contem suas experiências, com vistas a evitarmos o risco de enxergar a pandemia a partir de um ponto de vista hegemônico, ou seja, branco/masculino. Simultaneamente, é fundamental que situemos também nossas construções teórico-metodológicas, localizando nossos saberes e reconhecendo a parcialidade inerente a qualquer construção científica.

Somada à iniciativa da página, foi construído também um Blog. Esse espaço virtual constitui-se como uma espécie de galeria virtual, composta pelos relatos recebidos através do Facebook. Tal espaço possui relevância à medida em que serve a fins de registro desse período pandêmico, bem como uma “galeria” de experiências que poderá ser visitada no presente e futuramente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia escancarou desigualdades historicamente construídas. Às particularidades da crise sanitária se somam problemas anteriores - tais como o racismo estrutural, o machismo, a lgbtfobia, e inúmeras outras formas de opressão, que têm afetado os sujeitos das mais variadas formas, sobretudo as mulheres, em seus diferentes contextos. Diante do cenário de isolamento físico, o ambiente doméstico tornou-se o palco principal dos acontecimentos da vida, gerando um aumento das demandas de tarefas diárias vinculadas ao cuidado da casa e da família. Sabe-se que tais atividades “invisíveis” têm sido historicamente atribuídas às mulheres, sob o pretexto de serem atributos da natureza feminina e, por isso mesmo, não reconhecidas como trabalho (FEDERICI, 2019).

Por outro lado, a impossibilidade de permanecer em casa - a qual se deve, principalmente, à obrigação de trabalhar fora - têm causado medos e sofrimentos, à medida em que envolve a exposição de si e da família à transmissão do coronavírus. Essa é a realidade de muitas trabalhadoras, como as que atuam nos serviços de saúde ou como empregadas domésticas, responsáveis pela gerência e cuidado de outros lares em detrimento dos seus. Há ainda aquelas que vivem em espaços pequenos, com toda a família, ou as que vivem nas ruas, onde o distanciamento social não é possível.

Portanto, diferentes mulheres vivenciam sofrimentos decorrentes do cenário de crise que estamos vivendo. A mudança abrupta na rotina, o medo de adoecer e de contaminar os outros, a perda do emprego, a morte de pessoas próximas, a sobrecarga de trabalho, a instabilidade financeira, os efeitos da crise política, a solidão imposta pela necessidade de isolamento físico ou o medo imposto pela impossibilidade de ficar em casa, são algumas vivências frequentes nesse período.

A partir de todos esses fatores, constatamos que vários lutos - nos níveis macro e micro - têm sido vividos nesse período, o que aponta para uma necessidade urgente de criarmos novas formas de vinculação, “abrindo espaços para uma rede de solidariedade inédita e mais do que nunca fundamental” (SOUSA, 2020).

Nesse sentido, a página “Elas por elas” busca se tornar um meio de visibilizar diferentes vivências de mulheres, a partir de suas próprias narrativas sobre a pandemia de Covid-19. Para que isso aconteça, é feito um movimento constante da equipe convidando mulheres, promovendo diálogos e construções conjuntas. Com isso, o projeto mostra seus efeitos de complexificação do olhar para a experiência da pandemia em quatro vias: para as mulheres que acompanham a página, para aquelas que enviam relatos, para as extensionistas do projeto, que são tocadas pelas narrativas e/ou participam de sua construção, e para as professoras que orientam esse processo.

Durante esse percurso, temos tido algumas experiências interessantes, sobretudo quanto à solicitação de algumas mulheres para que participemos - direta ou indiretamente - da construção dos seus relatos. Assim, houve determinados casos singulares, nos quais elas foram auxiliadas nessa construção. Isso se deve ao fato de muitas apresentarem dificuldades em relação a como construir uma narrativa e parecem se sentir mais confortáveis para falar sobre sua experiência à medida em que nos dispomos a escutá-las e a ajudá-las nesse processo. Como exemplo disso, podemos citar um relato que foi elaborado justamente a partir do diálogo entre uma estudante (membro da equipe) e uma professora da rede pública de ensino, que manifestou, pelo chat da página, o desejo de contar sua experiência. Desse modo, a construção do relato foi feita de forma dialógica, em que a estudante, mediante uma escuta ativa, auxiliou a professora a narrar sua experiência.

Nesse sentido, indo ao encontro de hooks (2013), frisamos a importância de se dar lugar aos diferentes testemunhos pessoais, de diferentes vozes, para que possamos seguir adiante nas discussões de gênero. A autora nos ajuda a entender que uma teoria feminista, para ser libertadora, tem que estar articulada às vivências do cotidiano. Essa teorização, que parte da própria experiência, pode, inclusive, se tornar algo curativo, ao possibilitar o movimento de refletir sobre a dor e nomeá-la, auxiliando no processo de compreensão de si, além de apontar para novas possibilidades de existência. Para hooks, a teorização a partir dos testemunhos pessoais, do lugar de dores e lutas surge “como meio para mapear novas jornadas teóricas”, promovendo uma luta feminista que contemple diferentes formas de ser mulher (HOOKS, 2013. p. 103).

No que se refere à página no Facebook, esta tem passado por algumas transformações desde a sua criação. Nos primeiros meses, obtivemos um bom alcance, chegando a mais de 750 curtidas, a um número grande de interações e de relatos que nos eram enviados. Contudo, com o prolongamento da situação de pandemia, o teor dos relatos mudou, de modo a expressar mais cansaço, decepção, perplexidades. A frequência dos envios também foi diminuindo até o atual momento, em que estamos recebendo poucos relatos. Além disso, nos deparamos com dificuldades de funcionamento criadas pelo próprio Facebook, que oculta posts para que o alcance seja expandido mediante pagamento de valores fixos.

Assim, houve a necessidade de discutirmos em equipe sobre mudanças na dinâmica da página. Fomos construindo, então, estratégias para mantermos a página ativa e lidarmos com os limites da mídia social. Uma das ações pensadas foi a elaboração, pela equipe, de posts sobre alguns assuntos atuais e importantes que impactam a vida de muitas mulheres. Além dessas, outras formas de produção de

conteúdo se deram através da publicação de algumas notícias sobre os efeitos da pandemia, e a construção de posts sobre figuras femininas importantes, objetivando dar visibilidade às suas histórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno das mulheres quanto às repercussões nelas geradas pela construção dos relatos evidencia o quanto o convite para produzir algo a respeito do que têm vivenciado foi importante, à medida em que se propõe um momento de pausa, o qual possibilita que se entre em contato com a própria experiência. Outro aspecto trazido por elas foi a importância de se sentirem escutadas e legitimadas. Assim, tanto aquelas que constroem um relato, como aquelas que acessam a página, pontuam a importância desse espaço para compartilhar as angústias e os desafios enfrentados na nova rotina. A página tem sido, então, uma forma de encontrar apoio e reconhecimento das dores e lutos que marcam esse momento, além de estar permitindo o contato com outras perspectivas sobre o atual contexto.

Em meio ao trabalho em grupo, voltado à gestão da página, à produção dos posts, ao acolhimento/à escuta das mulheres, bem como ao recebimento de suas narrativas, temos empreendido várias discussões, que extrapolam o contexto de pandemia e as discussões de gênero em si. O exercício da escuta e de uma postura de implicação frente ao cenário de crises têm nos ensinado muito enquanto psicólogas em formação.

Observamos que muitas são as possibilidades de se construir iniciativas interessantes, voltadas tanto ao acolhimento, quanto à construção de narrativas, nas mídias sociais. Aqui se insere a aposta na potência da arte, do relato e do encontro como ferramenta terapêutica, a qual têm atravessado a construção desse projeto. Por outro lado, os desafios de um projeto de extensão remoto são inúmeros, e vão desde as limitações do formato virtual, até os altos e baixos no recebimento de relatos. Isso implica na necessidade de construirmos, constantemente, estratégias para manter a página “de pé”. Assim, observamos a potência da ação construída no diálogo que transcende a proposta inicial, fazendo surgir novos modos de transformação naquelas que acompanham e participam do processo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Editora Alínea, 2001.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p.7-41, 2009.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- ONU-MULHERES. COVID-19: Mulheres à frente e no centro. ONU Mulheres Brasil, 27 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/Covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro/>>. Acesso em 20 ago. 2020.
- SOUSA, Edson. “Luto, memória e coronavírus.” UFRGS, Jornal da Universidade. Porto Alegre, 3. Set. 2020. Acessado em 15 set. 2020 Online. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/luto-memoria-e-coronavirus/>>